



IBAC

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento
Formação em Terapia Analítico-Comportamental Infantil

**Análise Funcional do Suicídio na Adolescência: A formulação comportamental de
Hannah Baker**
Lara de Souza Feitosa

Brasília
Agosto, 2018



IBAC

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento
Formação em Terapia Analítico-Comportamental Infantil

**Análise Funcional do Suicídio na Adolescência: A formulação comportamental de
Hannah Baker**
Lara de Souza Feitosa

Monografia apresentada ao Instituto Brasiliense de Análise do
Comportamento como requisito parcial para conclusão do curso
de Formação em Terapia Analítico-Comportamental Infantil.
Orientador(a): Profa. Dra. Ana Rita Coutinho Xavier Naves.

Brasília
Agosto, 2018

Sumário

Resumo.....	iv
Inrodução.....	1
Contingências associadas aos comportamentos suicidas na infância e na adolescência.....	2
Resumo da série	9
Formulação Comportamental	12
Identificação	13
História de vida.....	13
História familiar.....	14
História acadêmica	14
História médica.....	16
História psicológica	16
Rotina da adolescente	16
História de mudanças.....	17
Identificação de metas terapêuticas	17
Análises funcionais.....	18
Assédio e abuso.....	18
Suporte social e perda de reforçadores	21
Omissão.....	23
Culpa	25
Depressão	26
Suicídio	27
Intervenções e procedimento	27
Resultados.....	29
Considerações finais.....	29
Referências	31

Resumo

O objetivo deste trabalho foi compreender as possíveis contingências associadas ao suicídio na infância e adolescência e apresentar alternativas de intervenções, a partir da análise do caso da personagem Hannah Baker do seriado *13 reasons why*. Foi realizada uma formulação comportamental, evidenciando os dados de sua história de vida que podem estar relacionados à ideação suicida, a fim de identificar e destacar os fatores de risco para o suicídio na adolescência. Observou-se a presença de recorrentes contingências de punição e de extinção, além de escassez de reforçadores e de ausência de suporte social. O *bullying* e a violência sexual também foram fatores de risco observados na história de vida de Hannah. Ademais, foram identificadas situações de negligência por parte dos profissionais da escola de Hannah e da família da adolescente, demonstrando a necessidade de a temática do suicídio na adolescência ser mais amplamente debatida na sociedade. A partir das análises funcionais realizadas, algumas intervenções propostas são: treinos de comunicação assertiva e de comportamentos de resolução de problemas, automonitoramento e monitoria positiva por parte dos pais. As análises apresentadas neste trabalho podem auxiliar a identificação de sinais de comportamentos suicidas entre adolescentes, favorecendo a prevenção de suicídios e promovendo possibilidades de tratamentos para jovens que emitam comportamentos dessa classe.

Palavras-chave: Suicídio na adolescência; Análise funcional; Fatores de risco; Intervenções.

A necessidade de cuidados com a saúde mental ainda é frequentemente subestimada pela população. Segundo dados do Atlas de Saúde Mental 2017 da Organização Mundial da Saúde (OMS), dos 169 países respondentes, 27% não incluem tratamento para doenças mentais graves em planos de saúde nacionais e 19% explicitam que esses transtornos não são incluídos nos planos. Neste levantamento, foram identificados 356 programas funcionais de prevenção e promoção de saúde dentre os países que responderam à pesquisa, sendo 40% deles para conscientização e redução de estigma da saúde mental e apenas 12% destinados à prevenção de suicídio (OMS, 2018).

De acordo com a OMS (2014), cerca de 800 mil pessoas cometem suicídio por ano – uma pessoa a cada 40 segundos. A taxa global de suicídio foi estimada em 10,5 para cada 100 mil habitantes. Os relatórios fornecidos pela OMS destacam que suicídios podem ser prevenidos, contudo, não há investimento e políticas públicas suficientes para isso (OMS, 2014; OMS, 2018). O estigma e a falta de informação acerca dos comportamentos suicidas impedem muitas pessoas de buscarem ajuda, portanto, é necessária maior conscientização da população para prevenir suicídios.

O suicídio é um fenômeno resultante de variáveis biológicas, sociais, culturais, pessoais, psicológicas e ambientais. A literatura atual sobre o tema define suicídio como o ato de deliberadamente tirar a própria vida (Braga & Dell’Aglío, 2013; Rodrigues *et al.* 2012), diferenciando-o dos comportamentos suicidas. Estes comportamentos explicam de forma mais satisfatória a complexidade do suicídio, e incluem quatro diferentes classes de respostas: ideação suicida, planejamento, tentativa de suicídio e suicídio em si (Braga & Dell’Aglío, 2013). De maneira geral, o suicídio é precedido de outros comportamentos suicidas e as tentativas de suicídio são, em média, dez vezes mais frequentes que os suicídios consumados (Botega, 2014).

As características e os métodos dos comportamentos suicidas variam amplamente de uma comunidade para outra (Botega, 2014; OMS, 2014), evidenciando o papel importante do contexto em que a pessoa em risco está inserida. Contudo, observa-se alguns aspectos constantes em todas as idades em casos de suicídio. Uma variável que afeta comportamentos suicidas de forma consistente é o sexo do indivíduo que apresenta esses comportamentos. Enquanto as tentativas de suicídio são mais frequentes entre mulheres, os suicídios consumados ocorrem mais entre homens, pois eles utilizam meios mais letais em suas tentativas (Figel, Menegatti, & Pinheiro, 2013). A presença de transtornos mentais e o abuso de substâncias também são fatores de risco para a manifestação de comportamentos suicidas (Bahls, 2002).

Outra variável que deve ser destacada como importante para a compreensão do fenômeno é a faixa etária. No Brasil, a taxa de suicídio mais alta é entre pessoas de 15 a 29 anos. Bahls (2002) destaca que a ideação suicida é comum na infância e adolescências, mas as tentativas são mais raras entre crianças e aumentam conforme a idade. Contudo, o Mapa da Violência de 2014 (Waiselfisz, 2014), revela que o número de suicídios de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos aumentou 40% entre 2000 e 2012. Apesar do alto número de suicídios na infância e na adolescência, ainda existem poucos estudos acerca das especificidades dos comportamentos suicidas nessa faixa etária.

Contingências associadas aos comportamentos suicidas na infância e na adolescência

De acordo com a teoria da análise do comportamento, a análise funcional é o método que possibilita apreender as variáveis relacionadas ao suicídio (Figel *et al.*, 2013). Isto é, o suicídio – como os demais comportamentos – é compreendido a partir das contingências vigentes na vida da pessoa anteriormente ao ato. Estudos indicam que existem diferenças significativas entre os fatores que influenciam o suicídio na infância e na adolescência em comparação a outras idades (Beautrais, 2001; Windfuhr *et al.* 2008), e que topografias similares

podem ter funções distintas (Figel *et al.*, 2013). Portanto, é importante destacar quais são as variáveis mais frequentes em casos de tentativas de suicídio e suicídios consumados na infância e na adolescência.

Tentativas de suicídio anteriores são o fator de risco mais significativo para prever outros comportamentos suicidas (Bahls, 2002; Botega, 2014; Soole, Kølves, & De Leo, 2014). A ocorrência de uma tentativa durante a infância aumenta a chance de ocorrerem novas tentativas em outras fases da vida (Figel *et al.*, 2013; Sousa, Santos, Silva, Perrelli, & Sougey, 2017; Weller, Young, Rohrbaugh, & Weller, 2001). Esse fato pode ser explicado a partir de duas perspectivas: (1) as consequências reforçadoras que as tentativas de suicídio podem gerar; (2) a falta de repertório comportamental para enfrentar problemas de outras maneiras.

As tentativas de suicídio frequentemente produzem sensações de alívio e bem-estar momentâneos que persistem por algumas horas ou dias (Giusti, 2013; Rodrigues *et al.*, 2012). Também são observados reforçadores sociais que o indivíduo não vivencia em outros momentos, como atenção e simpatia por parte de pares e familiares (Figel *et al.*, 2013). A ausência de suporte social é uma contingência observada em casos de comportamentos suicidas na infância e adolescência (Giusti, 2013; Weller *et al.*, 2001), o que caracteriza uma situação de privação de atenção social adequada. Uma vez que as tentativas de suicídio se tornam a única forma de cessar a contingência de privação satisfatoriamente, a atenção passa a exercer função reforçadora para esses comportamentos e aumenta a probabilidade de outras tentativas ocorrerem. Figel *et al.* (2013) ressaltam que a letalidade das tentativas também pode ser aumentada gradualmente a fim de obter a mesma quantidade de reforçadores sociais. Como é previsto em um processo de extinção, quando a topografia utilizada anteriormente não produz mais reforçadores, o indivíduo altera o comportamento, aumentando a gravidade de suas tentativas. É fundamental destacar que a compreensão desse processo não pressupõe que jovens

que ameacem ou tentem suicídio não devam receber atenção e cuidado de suas famílias, mas sim que comportamentos suicidas não podem ser a única forma de obter atenção.

A recorrência de tentativas de suicídio também pode indicar que a criança ou adolescente não desenvolveu repertório comportamental apropriado para enfrentar conflitos e situações aversivas. Estudos revelam que famílias com situações de tensão, falta de diálogo e rigidez extrema possuem maior incidência de suicídios na infância e adolescência (Seguin, Renaud, Lesage, Robert, & Turecki, 2011; Soole *et al.*, 2014; Windfuhr *et al.* 2008). As adversidades familiares na infância são significativamente correlacionadas com falta de habilidade e de estratégias para resolução de problemas, o que resulta em elevada dificuldade para identificar alternativas para resolver conflitos (Fergusson & Lynskey, 1996). Essa falta de repertório apropriado pode ser decorrente de ausência de modelo, em casos de famílias rígidas e com ausência de diálogos, ou de modelos inadequados.

Presenciar ou ter conhecimento sobre o suicídio de alguém aumenta as chances de uma pessoa cometer suicídio também (Botega, 2014; Sousa *et al.*, 2017; Weller *et al.*, 2001). Giusti (2013) ressalta que a influência social gera impacto significativo para apresentação de comportamentos suicidas. A autora defende que ter colegas que apresentam comportamentos suicidas é um fator de risco que aumenta a probabilidade de um jovem apresentar tais comportamentos. Compreende-se que isso ocorre porque a pessoa que cometeu suicídio anteriormente é modelo para pessoas em sofrimento, que interpretam o suicídio como uma maneira de lidar com os estímulos aversivos presentes em sua vida. Assim, diante da ausência de modelos adequados de resolução de problemas, os modelos inadequados – como os comportamentos suicidas – podem exercer maior controle sobre o indivíduo, que não consegue identificar estratégias apropriadas e acredita não ter outra opção (Kosidou *et al.* 2013; Rodrigues *et al.* 2012).

De forma similar, a falta de repertório para atender demandas sociais também é uma contingência comumente observada em casos de suicídio na infância e adolescência. Figel *et al.* (2013) indicam que quando a pessoa não possui repertório comportamental adequado para situações sociais, seus comportamentos podem ser repetidamente punidos ou extintos e a pessoa se sente imperfeita. Essa situação pode ser compreendida como um processo de desamparo aprendido. O desamparo aprendido é normalmente referido na literatura como ‘sentimento de desesperança’, o qual está significativamente correlacionado aos comportamentos suicidas e prediz tentativas de suicídio (Bahls, 2002). Esse processo ocorre quando os comportamentos sociais do jovem são consistentemente punidos, o que faz com que o indivíduo pare de realizar tentativas de interação social. Assim, inicia-se um cenário de isolamento, que funciona como esquiva dessas situações aversivas. A partir desse processo, é gerado um contexto de falta de suporte social, o que também está diretamente associado à presença de comportamentos suicidas (Kosidou *et al.* 2013; Seguin *et al.*, 2011). Esse isolamento é usualmente observado no ambiente escolar, tornando fundamental que a equipe pedagógica esteja atenta a mudanças comportamentais dos alunos.

A presença de complicações na escola é uma das contingências mais recorrentes em casos de comportamentos suicidas na adolescência. Isto ocorre porque o contexto escolar pode ser um estímulo aversivo e se tornar um cenário de violência. Estudos revelam que ter um histórico de violência física, sexual ou emocional aumenta o risco de suicídio na infância (Bahls, 2002; Dervic, Brent, & Oquendo, 2008). No contexto escolar, essa violência ocorre principalmente por meio do *bullying*. A vitimização por *bullying* provoca impactos na saúde mental normalmente expressados por isolamento social, depressão infantil e comportamentos suicidas (Bannink, Broeren, Van de Looij-Jansen, de Waart, & Raat, 2014; Dervic *et al.*, 2008). Compreende-se que a violência é intensamente aversiva e produz contingências de recorrentes

punições sobre as quais o indivíduo não tem controle e das quais, em geral, não pode se esquivar com facilidade.

As situações aversivas no ambiente escolar podem desencadear sentimentos de vergonha, culpa e medo. Sousa *et al.* (2017) destacam que essas emoções frequentemente estão relacionadas à ausência da criança ou adolescente nas aulas escolares. Desse modo, é comum que meses antes do suicídio, os jovens falem muitas aulas ou se isolem quando estiverem no contexto escolar, a fim de tentarem se esquivar das situações aversivas. Contudo, as famílias costumam impedir a esquivas ao invés de estabelecer repertórios desejáveis, obrigando as crianças e adolescentes a irem para escola e entrarem em contato com os estímulos aversivos. Diante da impossibilidade de o indivíduo escapar desses estímulos de outras maneiras, os comportamentos suicidas exercem a função de fuga e esquivas ao serem vistos como a única forma de acabar com o sofrimento (Figel *et al.*, 2013).

As contingências punitivas podem ser tanto de punição positiva, como a violência sofrida por pares, quanto de punição negativa, como a ausência de relações afetivas com colegas (Dervic *et al.*, 2008). No caso das contingências de punição negativa são observadas escassez de reforçadores ou perdas de reforçadores importantes, como a morte de uma pessoa querida (Bahls, 2002; Figel *et al.*, 2013). No contexto escolar, além das situações de privação de reforçadores sociais citadas anteriormente, o desempenho acadêmico baixo também pode se caracterizar como uma contingência de punição negativa. Dessa forma, considera-se as notas desejáveis como reforçadores que o jovem não consegue mais obter. Um estudo realizado com grupos de adolescentes de 13, 14 e 15 anos evidenciou que a percepção negativa em relação ao desempenho acadêmico está significativamente associada a comportamentos suicidas em todas as idades (Martin, Richardson, Bergen, Roeger, & Allison, 2005). Os resultados demonstraram que os jovens que percebiam seu desempenho como ‘um fracasso’ apresentavam mais comportamentos suicidas e a força dessa relação foi crescente com o passar dos anos escolares.

Essa correlação também foi observada no estudo de Kosidou *et al.* (2013), que revelou que o desempenho ruim na escola é um preditor para tentativas de suicídio na vida adulta.

Gunnel, Löfving, Gustafsson e Allebeck (2011) identificaram que a correlação inversa entre desempenho escolar e risco de suicídio é mais forte para adolescentes do sexo masculino. Os dados indicaram que o bom desempenho acadêmico é um fator protetivo em relação ao risco de suicídio entre meninos, contudo, essa relação protetiva não foi observada de forma consistente em casos de adolescentes diagnosticados com transtornos mentais. Isto é, o desempenho funcionou como um estímulo neutro, de modo que boas notas não eram reforçadoras e eram incapazes de sobrepor a intensidade da aversividade gerada por um transtorno psiquiátrico pré-existente. Por outro lado, quando o desempenho funciona como um reforçador de alto valor para o indivíduo, a escola pode impactar a saúde mental do adolescente e gerar um transtorno, como no caso da ansiedade. Rodrigues *et al.* (2012) verificaram que os altos níveis de cobranças sociais e escolares por um bom desempenho frequentemente geram ansiedade excessiva nos adolescentes, o que evidencia a característica punitiva da ausência de boas notas. Os autores destacam que diferentes tipos de ansiedade são fatores de risco significativos para comportamentos suicidas.

O diagnóstico de transtornos psiquiátricos é uma variável recorrentemente observada em casos de suicídio. Jatobá e Bastos (2007) encontraram associação significativa entre ideação suicida, ansiedade leve e depressão – em níveis leves e moderados. Nessa pesquisa, realizada com 242 adolescentes brasileiros, os autores identificaram que 47,9% dos jovens com ideação suicida apresentavam depressão leve. O índice de prevalência desse transtorno aumentou para 60% entre os adolescentes que já haviam tentado suicídio. A depressão moderada esteve presente em 27,4% dos casos de ideação suicida e 10% dos casos de tentativas. Em relação à ansiedade, os autores observaram que 65,8% dos adolescentes com ideação suicida e 70% dos jovens que já haviam tentado suicídio apresentavam ansiedade leve. Similarmente, um estudo

européu realizado com adolescentes suicidas, revelou que 94% dos jovens da pesquisa eram diagnosticados com algum transtorno mental, sendo a depressão a doença mais identificada (51%), e em 51% dos casos foi observada comorbidade de transtornos (Marttunen, Aro, Henriksson, & Lonnqvist, 1991). Em conformidade com esses resultados, Bahls (2002) destaca que o índice de comportamentos suicidas entre jovens deprimidos é três vezes maior em casos de comorbidades. De forma semelhante, os transtornos de humor, que possuem alto risco de manifestação de comportamentos suicidas, também apresentam maior risco em situações de comorbidade (Rodrigues *et al.*, 2012). Por conseguinte, deve-se alertar para a importância de serem observadas sobreposições de diagnósticos, utilizando-se diversas fontes de informação para a investigação clínica (Bahls, 2002; Botega, 2014; Rodrigues *et al.* 2012). Esses dados corroboram a literatura atual, a qual indica que transtornos mentais estão presentes em cerca de 90% das ocorrências de suicídios consumados e, em geral, há diagnóstico de mais de um transtorno (Bahls, 2002; Botega, 2014; Weller *et al.*, 2001).

Outros fatores orgânicos também podem suscitar comportamentos suicidas na adolescência, como alterações neurocomportamentais. A puberdade desencadeia diversas alterações no funcionamento do organismo dos adolescentes, que recorrentemente provocam intensas mudanças emocionais e comportamentos impulsivos (Sousa *et al.*, 2017). As oscilações emocionais podem ocasionar características que são fortemente associadas à apresentação de comportamentos suicidas, como enfraquecimento da autoestima, tolerância à frustração reduzida e baixa resiliência (Rodrigues *et al.*, 2012). Essas oscilações podem promover comportamentos impulsivos, caso não sejam ensinadas estratégias de autocontrole e repertório de comportamento emocional adequado. Bahls (2002) destaca que os adolescentes muitas vezes se encontram intoxicados no momento da morte e frequentemente o suicídio ocorre de forma impulsiva, quando o adolescente vivenciou uma situação de alta carga emocional com a qual não conseguiu lidar adequadamente. É importante que essas

características sejam identificadas a fim de possibilitar que os adolescentes recebam ajuda e aprendam maneiras mais desejáveis de lidar com suas próprias emoções.

A partir dessas análises, este trabalho propõe uma formulação comportamental da protagonista Hannah Baker da série '*13 reasons why*', que aborda o tema de suicídio. A série falhou em relação à ausência de dois pontos principais: (1) análises das contingências em que Hannah estava inserida, de forma a evidenciar possíveis mudanças em seu contexto que poderiam resultar em um desfecho diferente para a adolescente; (2) propostas de tratamentos e intervenções que poderiam ter preservado a vida de Hannah. Portanto, o objetivo deste trabalho é, por meio da formulação comportamental, apresentar análises das contingências relacionadas ao suicídio da adolescente e possíveis intervenções que poderiam ter sido realizadas com ela para evitar sua morte.

Resumo da Série

A primeira temporada da série americana *13 Reasons Why* foi lançada no Brasil em 2017 pela Netflix. A série é uma adaptação do livro de mesmo nome escrito por Jay Asher e lançado em 2007. *13 Reasons Why* apresenta a história de Hannah Baker, uma adolescente de 17 anos que cometeu suicídio. A história é narrada por Clay Jensen, um amigo de Hannah, que recebe uma caixa com fitas cassetes algumas semanas após o falecimento da adolescente. As fitas foram gravadas por Hannah com intuito de explicar os motivos que a levaram à decisão de cometer suicídio e foram repassadas para todas as pessoas que estavam dentre os motivos da jovem. Hannah narra sua percepção sobre episódios ocorridos com pessoas da escola, explicando como cada pessoa e situação influenciou seus pensamentos suicidas. Enquanto escuta as fitas, Clay confronta os colegas sobre os comportamentos de cada um com Hannah e descobre que algumas situações não ocorreram da forma que Hannah os percebeu.

O primeiro colega apontado pela protagonista como responsável foi um rapaz em quem deu seu primeiro beijo. Ele divulgou uma foto íntima de Hannah e espalhou um boato de que havia acontecido mais do que um beijo entre eles, iniciando uma fama de promiscuidade que gerou diversas situações aversivas para a menina. A segunda fita se referia à Jessica, melhor amiga de Hannah, que se afastou da protagonista por acreditar nos boatos sobre a promiscuidade da amiga e pensar que seu namorado, Alex, havia trocado ela por Hannah. A terceira pessoa relatada foi Alex, um dos melhores amigos de Hannah, que colocou seu nome em uma lista com descrições de conotação sexual sobre as meninas da escola. Esse ato aumentou os boatos sobre a promiscuidade da adolescente e desfez definitivamente sua amizade com Jessica, como citado na fita dois. Nas fitas, Hannah afirma que os dois amigos a excluíram após começarem a namorar. Porém, quando Clay confronta Jessica, ela contradiz Hannah destacando que a protagonista começou a se isolar.

O quarto motivo estava associado à perseguição que Hannah sofreu por um colega de escola, cuja identidade ela desconhecia. Ela tentou, com a ajuda da colega Courtney, descobrir quem é a pessoa que tirava fotos dela sem sua permissão. Em sua fita, Hannah aponta que essa invasão de privacidade a fez se sentir insegura até em sua própria casa. Courtney foi apontada como a quinta pessoa que influenciou a decisão de Hannah. Enquanto tentavam descobrir a identidade do rapaz que tirava as fotos de Hannah, as duas se tornaram amigas. Elas elaboraram um plano para descobrir quem era o menino, mas no dia elas se distraíram após começarem a beber as bebidas alcoólicas que os pais de Hannah mantinham em casa. Elas trocaram um beijo, que foi fotografado pelo perseguidor de Hannah. Posteriormente, a protagonista descobriu a identidade do perseguidor e o confrontou. Após a discussão com a adolescente, ele divulgou a foto do beijo dela com a colega. Quando a foto foi divulgada, Courtney também se afastou de Hannah para evitar que a identificassem na foto e começou a espalhar mais boatos sobre ela.

O sexto motivo é um colega que a convidou para sair e a assediou. Ele tentou justificar suas ações com base nos boatos sobre a promiscuidade de Hannah, o que aumentou as proporções dos primeiros motivos para a adolescente. Como sétimo motivo, Hannah narra sobre uma atividade em que os alunos elogiavam anonimamente uns aos outros. Após ser rejeitado por ela, um colega começou a roubar os elogios que a menina recebia. Ela destaca a perda dos elogios como algo muito doloroso e conta que escreveu uma carta para o colega explicando a importância dos elogios para ela. Na fita, Hannah narra que viu o colega jogando a carta fora e isso a fez sentir-se pior. Contudo, quando Clay confrontou o rapaz ele mostrou que não havia feito isso e que a carta continuava com ele. A oitava pessoa apontada pela adolescente foi o editor do jornal da escola. Ela começou a se interessar por poesia e a escrita a ajudava a lidar com os conflitos que estavam ocorrendo. Porém, o colega divulgou sem consentimento uma poesia dela, que continha evidentes sinais de tristeza e dor e foi ridicularizada por outros colegas. A nona fita narra o estupro de Jessica, o qual Hannah presenciou e não conseguiu ajudar a amiga. O décimo motivo foi um acidente de carro que Hannah e uma colega sofreram, em que elas derrubaram uma placa e fugiram do local para não serem responsabilizadas. Na mesma noite um colega de escola sofreu um acidente e faleceu no local pela falta da sinalização. A adolescente relata sentir culpa pela morte do colega.

A décima primeira fita é sobre o narrador da série, Clay. Hannah conta que gostava do amigo, mas não conseguia se conectar emocionalmente com alguém no momento e ele atendeu ao seu pedido de deixá-la sozinha quando ela precisava de ajuda. Ela afirma na fita que ele não fez nada de errado e só está em sua lista porque ela gostaria que ele soubesse a história, mas Clay se sente culpado pela morte dela. A décima segunda fita narra o estupro que Hannah sofreu, cometido pela mesma pessoa que estuprou Jessica. Por fim, a última fita é sobre o conselheiro da escola, que Hannah destacou como última esperança de obter ajuda. Na fita, ela conta que o procurou para falar sobre o que estava vivendo e contou sobre o abuso sofrido. Ele

a responsabilizou pela agressão e não deu atenção aos seus comportamentos suicidas. A série mostra que ela saiu da escola após essa conversa, deixou as fitas na porta da casa do colega que ela escolheu para entregá-las às pessoas de sua lista e cometeu suicídio. Após a morte de Hannah, sua mãe, Olivia, decidiu processar a escola e começou a investigar o que estava ocorrendo com a filha. Um dos colegas de Hannah contou para Olivia sobre as fitas e deu uma cópia de todas as fitas para ela. A temporada termina com os adolescentes apontados por Hannah depondo no processo da família contra a escola e um deles tenta cometer suicídio também.

Formulação Comportamental

A formulação comportamental tem o intuito de organizar sistematicamente as informações fornecidas e análises funcionais realizadas acerca de um caso clínico. Naves e Ávila (2018) destacam que em atendimentos de crianças e adolescentes devem ser descritos doze tópicos: (1) Identificação do cliente; (2) História de vida; (3) História familiar; (4) História acadêmica; (5) História médica; (6) História psicológica; (7) Rotina da criança/adolescente; (8) História de mudanças; (9) Identificação de metas terapêuticas; (10) Análise funcional; (11) Intervenções e procedimentos; (12) Resultados. Tendo em vista que esta formulação é sobre uma personagem fictícia que não teve um processo terapêutico, os tópicos nove, onze e doze serão elaborados com base nos procedimentos que seriam inicialmente esperados em uma terapia nesse caso. O dia do suicídio de Hannah será considerado como início da terapia para elaboração dos demais tópicos, portanto, todos os acontecimentos narrados nas fitas e todas as informações pessoais fornecidas na primeira temporada da série serão utilizados para análise.

Identificação

Hannah, 17 anos, estudante do segundo ano do ensino médio de uma escola pública. Filha única de Olivia e Andrew, casados, donos de uma farmácia local.

História de vida

Olivia e Andrew são casados e Hannah é a única filha dos dois. Não foram identificados atrasos no desenvolvimento físico ou cognitivo da adolescente. A família se mudou para a atual cidade há aproximadamente um ano quando Olivia e Andrew decidiram abrir um pequeno negócio (farmácia). Ambos descrevem Hannah como uma menina inteligente, divertida e alegre. Hannah começou a trabalhar em um cinema pouco depois da mudança e relata gostar do trabalho. Após a mudança de cidade, a adolescente não apresentava dificuldades de interação e fazia amizades rapidamente até o início do ano letivo. Os pais não observaram dificuldades de adaptação da filha nas escolas anteriores ou no trabalho, mas observam dificuldades de interação social de Hannah com os colegas da escola atual. A mãe identificou um isolamento social atípico da filha e gostaria que ela tivesse mais contato com outros adolescentes. Hannah relata que todas as tentativas de interações sociais têm sido aversivas e ela está sofrendo *bullying* pelos colegas da escola. Ela tem poucos amigos próximos e viveu recorrentes conflitos com eles no último ano. Os pais de Hannah têm tido problemas financeiros graves e estão constantemente em conflito devido a esses problemas. Os conflitos ocorrem na frente dela, sendo um modelo inadequado de resolução de problemas. Por isso, a relação dela com os dois está distante, pois ela não conversa com eles por achar que seria mais um problema para os dois. A família não tem contato constante com a família ampliada, pois todos moram em outra cidade. A vida social dos pais também é reduzida e eles não mantêm contato com amigos, portanto, Hannah não convive com outros adultos fora da escola e do trabalho.

História familiar

Olivia e Andrew trabalham juntos na farmácia da família e ambos são responsáveis pelos cuidados de Hannah. Olivia é mais presente e conversa mais frequentemente com a filha. Hannah normalmente recorre à mãe quando precisa conversar ou pedir permissão para algo. As conversas com o pai são mais raras, mas os dois mantêm uma boa relação. Olivia também é a responsável por acompanhar as tarefas de Hannah. No entanto, com a crise financeira da família, os pais estão conversando menos com a filha e a monitoria sobre a rotina de Hannah está reduzida. Não são observadas regras acerca da rotina da adolescente e as regras vigentes anteriormente, como fazer as tarefas antes de sair, não estão sendo cumpridas. Ou seja, os pais têm sido bastante permissivos em relação à rotina dela e às atividades que ela faz. A família não faz atividades em conjunto e Hannah não costuma ser incluída nas atividades rotineiras dos pais, como assistir televisão juntos.

O casal tem práticas educativas diferentes. Enquanto a mãe é rígida e acredita que a filha consegue se adaptar sozinha, o pai é mais permissivo e tenta ajudá-la na adaptação fazendo o que ela quer. Olivia destaca que o marido sempre faz as vontades da filha e as proibições costumam partir dela. A mãe é aberta ao diálogo, mas apresenta pouca sensibilidade ao ouvir sobre os problemas da filha ou do marido. O pai é evitativo e não costuma iniciar conversas sobre conflitos. Nenhum dos dois possui explicações para os comportamentos suicidas da filha. Ambos afirmam que não observaram nenhum comportamento que indicasse que Hannah tinha intenção de encerrar sua vida. Contudo, a mãe relata que eles não estavam despendendo a atenção desejável à filha nos últimos meses devido às preocupações com a loja da família.

História acadêmica

Hannah frequenta uma escola pública há aproximadamente um ano e estuda em período integral. Ela cursa o segundo ano do ensino médio. A adolescente não apresentava dificuldades

acadêmicas nas escolas anteriores ou quando iniciou seus estudos na escola atual. Contudo, ela vem apresentando queda no desempenho escolar desde os últimos meses do primeiro ano do ensino médio. Ela não está envolvida em nenhuma atividade extracurricular e não tem planos para quando finalizar o ensino médio. Identificou-se que os comportamentos suicidas de Hannah estão relacionados a situações vivenciadas no contexto escolar e a mãe justifica esses comportamentos pela falha da escola em lidar com episódios de *bullying* que a adolescente tem sofrido. O *bullying* começou poucas semanas após o início do primeiro ano de ensino médio dela – seu primeiro ano na escola atual – e se intensificou ao longo do ano letivo. A equipe pedagógica afirma não ter conhecimento de situações de *bullying* contra a adolescente, mas todos os seus colegas estão cientes da violência. Os pais de Hannah não tinham conhecimento sobre as agressões, mas a filha recorrentemente falava sobre não gostar dos colegas e não ter amigos.

O *bullying* contra Hannah é majoritariamente de conteúdo sexual e, em geral, ocorre dentro da escola. Devido a essa violência, a adolescente gradativamente se afastou de seus colegas e passa a maior parte de seu tempo na escola sozinha. A equipe não observou esse padrão de isolamento social dela, indicando omissão por parte dos profissionais. Hannah já manifestou ideias suicidas no contexto escolar, mas a equipe da escola não apresentou manejo adequado e não foi feita nenhuma intervenção, individual ou grupal, de prevenção de comportamentos suicidas. Os professores também não costumam intervir diante de situações de agressões verbais entre alunos e esses comportamentos ocorrem recorrentemente em sala de aula e nos corredores da escola. Observa-se que a atuação profissional da equipe pedagógica está favorecendo a manutenção das contingências que produzem os comportamentos perturbadores da adolescente. Além disso, o contexto escolar está prejudicando o estabelecimento de comportamentos alternativos, pois nas duas ocasiões em que Hannah relata

ter tentado – de formas diferentes – pedir ajuda a um profissional da escola, as consequências foram negativas e ela não obteve auxílio.

História médica

Hannah não teve acompanhamento de profissionais de saúde, exceto para exames de rotina, os quais nunca apontaram padrões atípicos no seu desenvolvimento. Não houve encaminhamento por parte de profissionais para a terapia.

História psicológica

A adolescente nunca fez terapia e não foi acompanhada por outros profissionais. Como os pais não haviam identificado os comportamentos suicidas da filha, eles também não implementaram intervenções. Em relação ao isolamento social, a mãe tentou intervir incentivando a filha a sair mais com os colegas e a se envolver com atividades fora da escola, como um grupo de poesia. A adolescente seguiu as sugestões da mãe, mas não obteve efeitos positivos a longo prazo, devido aos conflitos com os colegas. Hannah procurou ajuda profissional do conselheiro da escola para falar sobre os comportamentos suicidas, porém ele apenas ouviu Hannah falar sobre seu desejo de morte e disse que a adolescente deveria seguir sua vida, sem fornecer alternativas ou possibilidades de tratamentos para ela. Portanto, ele não provocou mudanças em seu comportamento nem reduziu seu sofrimento.

Rotina da adolescente

Hannah estuda em período integral, portanto, seus horários são determinados pela escola na maior parte do dia. Ela vai sozinha para a escola de manhã, almoça no refeitório do colégio e tem mais aulas à tarde até 16 horas. Após suas aulas, Hannah não possui rotina fixa. Em geral, ela vai a pé para casa ou para um café perto de sua escola. À noite, a adolescente trabalha em

um cinema local e depois retorna para casa. A rotina de Hannah inclui saídas durante a semana e não tem restrições. Os pais não conversam com ela durante o dia, apenas quando ela está em casa ou na loja da família.

História de mudanças

Os pais de Hannah não buscaram ajuda profissional e ela não foi encaminhada para terapia por ninguém. Os professores e demais funcionários da escola não notificaram os pais sobre os comportamentos perturbadores que Hannah estava apresentando na escola. Por conseguinte, não são identificadas mudanças significativas nos seus comportamentos. Observa-se que a mãe conversa com a filha quando ela tem alguma dificuldade. Esse comportamento produz resultados positivos, pois Hannah fala abertamente sobre sua vida com a mãe. Entretanto, a mãe raramente conversa com a filha desde que a família começou a ter problemas financeiros e não continua as conversas quando Hannah as inicia. O pai apresenta falta de repertório de resolução de problemas e costuma se esquivar de conflitos.

Identificação de metas terapêuticas

Os comportamentos suicidas de Hannah e os episódios de *bullying* na escola caracterizam as principais queixas da família. Além desses fatores, observa-se que a adolescente manifesta indícios de depressão e não apresenta repertório adequado de resolução de problemas. A partir dessas queixas, são estabelecidas as seguintes metas:

1. Metas terapêuticas junto aos cuidadores: (a) impedimento do contato da adolescente com contingências aversivas; (b) favorecer o contato dela com contingências reforçadoras; (c) iniciar o tratamento psiquiátrico da adolescente; (d) aumento do suporte sócio emocional deles para com a filha.

2. Metas terapêuticas junto à adolescente: em curto prazo – (a) ativação comportamental; (b) treinos de assertividade; em longo prazo – (c) desenvolver e fortalecer a habilidade de regulação emocional; e, (d) desenvolvimento de um repertório adequado de resolução de conflitos.

Análises funcionais

Para elaboração das análises funcionais apresentadas a seguir, foram selecionados alguns dos acontecimentos narrados por Hannah em suas fitas e situações ocorridas com a família da adolescente. As análises foram agrupadas em seis categorias: assédio e abuso; suporte social e perda de reforçadores; culpa; omissão; depressão; e, suicídio.

Assédio e abuso

Em sua primeira semana de aula, Hannah marca um encontro com seu colega, Justin. Durante o encontro os dois se beijam e Justin tira uma foto em que as roupas íntimas de Hannah aparecem. Ele mostra a foto para seus amigos insinuando que havia ocorrido mais que apenas um beijo entre os dois. Os amigos enviam a foto para todos os colegas do ano escolar, que ainda conheciam pouco sobre Hannah por ela ser nova na escola. A adolescente relata que a partir desse momento iniciou-se uma fama negativa em relação a ela e a sua sexualidade e novos boatos de conteúdo sexual foram espalhados sobre ela entre os colegas. A quinta fita de Hannah destaca um evento em que sua amiga Courtney espalha novos boatos sobre ela, o que produz como consequência aumento dos assédios por parte de colegas. A fim de evitar saber sobre os boatos, a adolescente não fala sobre o assunto e evita novos contatos sociais. Ao evitar o assunto, a aversividade da situação é reduzida, o que caracteriza contingência de reforço negativo para a menina. Ao evitar falar com colegas, ela consegue não entrar em contato com os boatos e sua esquiva é reforçada, iniciando seu isolamento dos demais colegas.

Tabela 1
Análises funcionais da categoria assédio e abuso

Antecedente	Comportamento	Consequências
Diante de uma foto inadequada de Hannah	Justin envia a foto para colegas	Os alunos começam a falar coisas negativas de Hannah
Os alunos começam a falar coisas negativas de Hannah	Hannah evita falar sobre os acontecimentos e reduz novos contatos sociais	Hannah evita saber de novos boatos; A esquiva da adolescente é reforçada

Outra situação de assédio evidenciada por Hannah ocorre a partir da lista de conteúdo sexual criada por meninos da escola, na qual Alex colocou o nome da protagonista. O comportamento de Alex de escrever o nome de Hannah provoca duas consequências principais: o aumento do assédio e dos boatos sobre a adolescente (punição positiva); e o fim de sua amizade com Jessica (punição negativa). Esse acontecimento foi colocado nesta categoria, pois a lista funcionou como ocasião para outros eventos de assédio citados por Hannah em suas fitas. A adolescente narra na sexta fita que foi assediada por Marcus, seu colega, em um encontro no Dia dos Namorados e ele justificou seu comportamento com base nos boatos sobre ela. Com o aumento de situações de assédio, a tristeza da adolescente é intensificada e a escola se torna um local ainda mais aversivo. A fim de reduzir as contingências aversivas em vigor, ela se isola ainda mais e passa a maior parte de seu tempo na escola sozinha para evitar entrar em contato com novos conflitos. A esquiva é reforçadora para Hannah, pois quanto mais ela se isola menos entra em contato com os comentários e comportamentos aversivos dos colegas. Assim, observa-se um padrão comportamental de esquiva se estabelecendo.

Tabela 2

Análise funcional da lista de Alex

Antecedente	Comportamento	Consequências
É criada uma lista com descrições sexuais sobre algumas meninas da escola	Alex escreve o nome de Hannah	Os demais alunos acreditam que Hannah teve relações sexuais com Alex
Os demais alunos acreditam que Hannah teve relações sexuais com Alex	Os colegas passam a falar mais coisas negativas sobre ela; Meninos assediam Hannah	Hannah sente tristeza extrema e se isola.
Os colegas passam a falar mais coisas negativas sobre ela; Meninos assediam Hannah	Hannah se isola	Ela evita entrar em contato com comportamentos aversivos por parte dos colegas; Padrão de esquiva é reforçado

A última situação de abuso que Hannah relata é o estupro que ela sofreu. Hannah foi para uma festa na casa de um colega de escola, Bryce, com intuito de se sentir melhor após um dia ruim. Ao final da festa, Bryce estuprou Hannah. Como consequências desse evento, Hannah relata diversos respondentes como tristeza, raiva e desesperança. Ela afirma que o abuso a fez acreditar que não havia mais nenhuma solução para todos os eventos negativos que ocorreram com ela, indicando que esse evento foi mais uma punição para uma tentativa de melhorar sua vida. Desse modo, ela para de tentar buscar estratégias para resolver os conflitos. O abuso foi o antecedente para ela planejar seu suicídio.

Tabela 3

Análise funcional do estupro

Antecedente	Comportamento	Consequências/Efeitos
Em uma festa	Bryce estuprou Hannah	Hannah sente tristeza, raiva, desesperança; Sua tentativa de se sentir melhor é punida; Ela para de tentar buscar novas estratégias e decide que não há outras soluções para resolver seus problemas; Hannah planeja suicídio

Suporte social e perda de reforçadores

Jessica e Alex eram os melhores amigos de Hannah. Após iniciarem um relacionamento, os dois se afastaram da protagonista gerando sentimentos de tristeza e de abandono e caracterizando perda de reforçadores sociais. Conforme descrito na categoria anterior, a lista de Alex produziu consequências semelhantes. Quando Jessica viu o nome de Hannah e acreditou nos boatos sobre a amiga, a protagonista perdeu sua única amiga próxima, o que significou perda de um reforçador social de alto valor. Essas perdas reduziram a rede de apoio da adolescente, deixando-a sem suporte social adequado para ajudá-la a enfrentar seus problemas.

Tabela 4
Análise funcional do abandono

Antecedente	Comportamento	Consequências
Alex e Jessica iniciam um relacionamento e começam a sair só um com o outro	Hannah evita contato com os amigos	Esquiva de contato com estímulos aversivos sociais
Hannah acredita estar excluída	Ela para de chamar os amigos para sair e se isola mais	A amizade é prejudicada, sua rede de apoio é reduzida

Os comportamentos de perseguição de Tyler também puniram negativamente a adolescente. A situação pode ser caracterizada como assédio, visto que as fotos foram tiradas sem consentimento, provocando tristeza e insegurança. Contudo, as maiores consequências que Hannah destacou foram as perdas de dois reforçadores: sua casa como representação de um local onde ainda se sentia bem e a amizade de Courtney. A adolescente relata que não se sentia confortável em casa por estar constantemente sendo observada e diz sentir medo frequente. Após Tyler enviar para os colegas a foto de Hannah e Courtney se beijando, Courtney se afasta de Hannah, novamente gerando contingência de abandono e reduzindo a rede de suporte social da protagonista.

Tabela 5

Análise funcional do isolamento social

Antecedente	Comportamento	Consequências
Tyler tira fotos de Hannah e Courtney sem consentimento	Hannah identifica o fotógrafo	Sua casa deixa de representar segurança para Hannah; ela perde seu local de apoio
Sua casa deixa de representar segurança para Hannah; ela perde seu local de apoio	Hannah enfrenta Tyler	Tyler divulga a foto das duas
Tyler divulga a foto das duas	Courtney se afasta de Hannah	Hannah perde sua única amiga

A sétima fita de Hannah descreve que seu colega Zach roubou os elogios anônimos que ela recebia na atividade de uma matéria que faziam juntos. Hannah destaca que os elogios eram muito importantes para ela. Nessa situação, observa-se que os elogios eram os únicos reforçadores que a menina estava recebendo no momento e que a perda deles representou mais uma contingência de punição, deixando a adolescente sem reforçadores. Diante dessa perda, ela convida Jessica para sair e a amiga não vai, o que a faz pensar que não tem mais amigos. Como consequência disso, ela afirma em sua fita que seu sentimento de solidão aumentou. Como tentativa de encontrar novos reforçadores, Hannah começa a escrever poemas. Após um colega expor um poema sem seu consentimento, ela para de escrever. Observa-se, então, mais uma contingência de punição negativa, em que ela perdeu um reforçador – o clube de poesia de que participava.

Tabela 6

Análise Funcional da contingência de solidão

Antecedente	Comportamento	Consequências
Atividade bem-feita	Zach rouba os elogios de Hannah	Hannah perde os únicos estímulos que a faziam feliz no momento; Sente tristeza; Ela convida Jessica para conversar
Hannah perde os únicos estímulos que a faziam feliz no momento; Sente tristeza; Ela convida Jessica para conversar	Hannah fica sozinha	Sentimento de solidão intensifica
Sentimento de solidão	Hannah escreve uma carta para Zach	Hannah vê Zach jogando a carta fora; Ela para de tentar conversar com os colegas

Omissão

Os pensamentos suicidas de Hannah foram expostos em três ocasiões na escola. Na primeira situação, após ser deixada sozinha por Jessica, ela escreveu um bilhete falando sobre a ideia de morrer e ele foi lido em sala de aula. Como consequência, os demais estudantes ironizaram o bilhete e afirmaram que a pessoa apenas queria chamar atenção, enquanto a professora respondeu vagamente dizendo que a pessoa poderia procurar alguma ajuda e não ofereceu nenhum auxílio. O antecedente da segunda situação foi a publicação do poema de Hannah na revista da escola. O poema continha evidentes ideias de morte. A professora de literatura o leu em sala fazendo análises da escrita e as consequências novamente foram omissão dos professores que não procuraram saber quem era o autor do poema e não falaram sobre prevenção de suicídio. Nos dois casos, houve a extinção dos dois comportamentos que resultaram na redução da frequência de comportamentos de Hannah de buscar ajuda.

Tabela 7

Análise Funcional do comportamento de escrever um bilhete suicida

Antecedente	Comportamento	Consequências
Professora apresenta atividade escolar	Hannah escreve um bilhete em uma atividade escolar	A professora lê o bilhete em sala Os colegas ironizam a mensagem e dizem que a pessoa só quer atenção
Os colegas ironizam a mensagem e dizem que a pessoa só quer atenção	A professora afirma vagamente que essa pessoa precisa de ajuda	Os alunos continuam rindo do bilhete

O último evento ocorreu com o conselheiro da escola. Hannah relata que, após ser estuprada por Bryce, o procurou como última esperança de ajuda e o conselheiro a responsabilizou pelo abuso e não a auxiliou quando ela falou sobre suicídio. Como consequência disso, Hannah decidiu seguir seu planejamento de cometer suicídio.

Tabela 8

Análise Funcional da interação com o conselheiro da escola

Antecedente	Comportamento	Consequências
Bryce estupra Hannah; O conselheiro questiona se o abuso realmente aconteceu	Hannah conta para o conselheiro sobre o abuso	O conselheiro questiona se o abuso realmente aconteceu
	Hannah fala sobre seu desejo de morrer	Ele diz que ela precisa seguir sua vida

A família de Hannah também teve comportamentos punitivos que reduziram a frequência de suas tentativas de buscar ajuda. A publicação do poema de Hannah também foi antecedente para ela dizer para a mãe que quer mudar de cidade, demonstrando descontentamento e desajustamento à cidade nova. A mãe apenas ouviu e continuou fazendo suas atividades, distraída com problemas financeiros da família. Situações semelhantes a essa ocorreram em outros momentos em que Hannah demonstrou que não estava feliz com sua escola e sua vida e os comportamentos dos pais de Hannah foram semelhantes e omissos.

Tabela 9

Análise Funcional da interação com os pais

Antecedente	Comportamento	Consequências
Ryan divulga o poema de Hannah sem consentimento	Hannah diz para a mãe que quer mudar de cidade	A mãe ignora e continua falando sobre negócios com o pai

Culpa

Hannah vivenciou na mesma noite duas situações em que não conseguiu ajudar amigos. Ela presenciou o estupro de sua melhor amiga, Jessica, e relata que não conseguiu fazer nada para impedir. Posteriormente, ela e uma amiga sofrem um acidente de carro em que derrubam uma placa, o que mais tarde provoca outro acidente e um colega de escola falece no local. Nas duas situações ela buscou estratégias para ajudar, mas as tentativas não produziram efeitos positivos. As consequências desses dois episódios foram semelhantes: Hannah sentiu extrema culpa e parou de tentar resolver problemas por achar que não conseguiria melhorar nenhuma situação. Esses efeitos reduzem as tentativas de resolução de problemas de Hannah, pois seus comportamentos foram punidos em todas as situações em que ela tentou propor resoluções. Ademais, as consequências reforçam seus comportamentos de esquiva e o sentimento de culpa intensifica o aparente processo depressivo que a adolescente está enfrentando.

Tabela 10

Análise Funcional dos comportamentos geradores de culpa

Antecedente	Comportamento	Consequências
Hannah e a amiga derrubam uma placa de trânsito	Hannah notifica a polícia	Policia! relata que outro acidente ocorreu no local e um colega faleceu; Sente culpa; Decide falar com a colega
Policia! relata que outro acidente ocorreu no local e um colega faleceu; Sente culpa; Decide falar com a colega	Hannah fala com a colega na escola	A colega diz para esquecer e afirma que não deve falar nada Suas tentativas de resolver a situação são punidas e ela para de tentar resolver

Depressão

Hannah relata sentir extrema tristeza e solidão em diferentes momentos em suas fitas. Ela relata acreditar que não há nada que possa ser feito, pois tentou diferentes estratégias e nenhuma a ajudou. Isso caracteriza um processo de desamparo aprendido, comum em quadros depressivos. Como tentativa de encerrar as contingências punitivas e ter ajuda, a adolescente escreveu sobre essa desesperança em uma atividade escolar, explicou sobre isso na carta que escreveu para Zach e falou sobre a aversividade da vida social em outros momentos, como citado anteriormente. Todos esses comportamentos produziram consequências punitivas ou de extinção, como os colegas fazerem piadas sobre seus sentimentos ou a omissão das pessoas diante de seus pedidos de ajuda. No desamparo aprendido, há uma contingência de punição prolongada e inevitável independentemente das diferentes tentativas de resolver situações aversivas, e como consequência a pessoa para de tentar (Oakes & Curtis, 1982; Sanabio-Heck & Motta, 2004). Observa-se que esse processo ocorre com Hannah, pois, após diversas tentativas de resolução, as consequências negativas a fazem gradualmente decidir que não há mais alternativas de ajuda para ela. A provável depressão também é identificada nas fitas sobre Jessica e sobre Zach, quando Hannah narra fatos que os adolescentes afirmam não serem

realidade, indicando que a protagonista estava vivenciando distorções em sua percepção do ambiente, o que é frequente em crises depressivas. Ademais, observa-se escassez de reforçadores e falta de repertório para encontrar novos reforçadores, pois a adolescente não consegue buscar atividades que a façam sentir melhor. Esses fatores também caracterizam quadros depressivos.

Suicídio

A decisão de cometer suicídio é um comportamento de esquiva de Hannah. Diante de tantas contingências recorrentes de alta magnitude de aversividade, a adolescente tenta se esquivar desses contextos de diversas formas: procura ajuda anonimamente; fala para o pai que gostaria de mudar de cidade; diz para colegas que se sente sozinha; tenta fazer novas amizades; fala explicitamente sobre seu desejo de morte para um profissional. Quando nenhuma de suas tentativas produz consequências positivas ela decide que o suicídio é a única forma de se esquivar das contingências punitivas vigentes.

Tabela 11
Análise Funcional do suicídio

Antecedente	Comportamento	Consequências
Violência verbal e sexual; Assédio; Negligência; Tentativas de resolução de problemas punidas	Hannah comete suicídio	Ela se esquia das contingências aversivas; Nenhum dos problemas é resolvido; Sua família se sente culpada

Intervenções e procedimento

A partir das metas terapêuticas e das análises funcionais identificadas, as intervenções programadas para o desenvolvimento de comportamentos alternativos são:

1. Cuidadores: a primeira orientação aos pais deve ser retirar do ambiente qualquer objeto que possa ser usado para tentativas de suicídio e fornecer apoio e acompanhamento caso ela manifeste esse desejo novamente. Eles devem ser orientados para exercerem monitoria positiva e se tornarem mais presentes na rotina da filha, além de aumentarem

a frequência de atividades reforçadoras com ela. Devem aumentar atenção contingente a comportamentos adequados de Hannah, como fazer planos para o futuro e faculdade. Deve ser discutida a possibilidade de mudar Hannah de escola a fim de reduzir as contingências aversivas imediatas. Ademais, os pais devem desenvolver comportamentos de resolução de problemas positivos para funcionarem como modelo. Assim, deve ser discutido com o pai sobre a redução de seus comportamentos de esquiva e eles devem ser orientados a parar de brigar na frente da filha. É importante que seja abordado sobre tratamento psiquiátrico para redução dos sintomas depressivos.

2. Hannah: a primeira intervenção com a adolescente deve ser fazer um contrato de vida e determinar com ela quais pessoas de confiança ela pode procurar em momentos de crises. É essencial que seja construída e fortalecida uma rede de apoio. Devem ser implementadas intervenções de acolhimento e empoderamento em relação ao abuso sexual. Em relação à depressão, deve ser feita ativação comportamental e inserção em atividades reforçadoras (e.g. novo grupo de poesia). É necessário auxiliar Hannah a desenvolver repertório de automonitoramento (autoconhecimento e autocontrole), de modo que ela consiga identificar fatores de risco e proteção. O repertório de automonitoramento beneficiará promoção de habilidades de regulação emocional e de expressão adequada de sentimentos. Por conseguinte, devem ser feitos treinos para desenvolver e aprimorar comportamentos de tato, além de treinos de comportamentos de comunicação assertiva. O repertório de resolução de problemas dela também deve ser aperfeiçoado, fortalecendo seus comportamentos de enfrentamento de situações aversivas. Para estabelecer esses comportamentos alternativos pode-se utilizar modelagem, modelação ou ensaio comportamental em sessão com Hannah.

Em caso de impossibilidade de mudança de escola, os profissionais devem ser orientados também.

3. Equipe pedagógica: os professores devem ser orientados a notificar os pais de Hannah caso observem isolamento e/ou sinais de comportamentos suicidas, verbais ou não. Os profissionais também devem ser instruídos a serem mediadores das interações de Hannah com outros adolescentes caso seja necessário e a intervirem em casos de agressões. É importante que os profissionais sejam orientados sobre prevenção de suicídio e de *bullying* e sejam ensinados a reconhecer sinais de comportamentos suicidas.

Resultados

As principais mudanças esperadas nesse caso são a eliminação dos comportamentos suicidas de Hannah e o fortalecimento de comportamentos alternativos, como comunicação assertiva e ampliação do repertório de resolução de problemas dela. Além disso, é esperado aumento de sua rede de apoio e maior participação dos pais em sua vida.

Considerações Finais

É relevante destacar que este trabalho foi elaborado com base em uma série de televisão produzida para adolescentes e jovens, contudo, são observadas falhas na forma de abordar o suicídio. Conforme explanado anteriormente, ter informações sobre um suicídio aumenta a probabilidade de uma pessoa vulnerável cometer suicídio também e a mídia possui notável impacto nos comportamentos suicidas de jovens, podendo funcionar como um efeito de contágio (Loureiro, Moreira, & Sachside, 2013). No ano 2000, foi publicado pela OMS um manual com recomendações acerca de como o suicídio deve ser discutido por profissionais da mídia para evitar que um suicídio seja modelo para jovens vulneráveis. Nota-se que a série não seguiu diversas dessas orientações, inclusive em relação à forma explícita como o suicídio de

Hannah foi retratado, e, portanto, não é recomendada para pessoas em situação de vulnerabilidade, pois pode gerar o efeito de contágio citado.

A principal função desta formulação comportamental foi demonstrar a quantidade de variáveis ambientais e interacionais que influenciam na emissão de comportamentos suicidas, com o objetivo de facilitar elaboração de intervenções de prevenção de suicídio. A formulação comportamental da personagem Hannah Baker permitiu a identificação de fatores de risco comumente associados ao suicídio, como *bullying* e violência sexual (Dervic *et al.*, 2008). Os episódios de *bullying* tiveram impactos significativos para a adolescente e foram os antecedentes mais fortemente apontados por ela para os comportamentos de ideação suicida. É relevante destacar que todas as ocorrências de *bullying* foram de conteúdo sexual, o que as tornou antecedentes para outras violências, como os recorrentes assédios sofridos por Hannah. Bannink *et al.* (2014) afirmam que o *bullying* está mais significativamente correlacionado aos comportamentos suicidas entre meninas, o que sugere o papel da violência de gênero nos suicídios de adolescentes do sexo feminino. Ademais, a violência sexual foi o antecedente para Hannah planejar seu suicídio, demonstrando que esse fator produz consequências significativas em casos de vulnerabilidade para comportamentos suicidas.

A vulnerabilidade de Hannah pode ser observada a partir das diversas situações de negligência vivenciadas por ela, tanto por parte da família, quanto – e principalmente – dos profissionais da escola. Segundo a OMS (2014), as ideações suicidas de crianças e adolescentes são frequentemente desconsideradas e estigmatizadas pela população em geral, o que torna mais difícil que esses jovens obtenham ajuda e tratamento. É importante enfatizar que mudanças comportamentais, como falta de interesse em atividades anteriormente prazerosas e isolamento social, não podem ignoradas ou serem vistas como uma ‘fase’ (Sousa *et al.*, 2017).

O Manual de Prevenção do Suicídio para professores e educadores (OMS, 2000) destaca que qualquer mudança súbita ou intensa que afete o desempenho, a capacidade de prestar

atenção ou o comportamento de crianças ou adolescentes deve ser analisada cautelosamente. Freuchen e Groholt (2015) defendem que é observada uma ambivalência acerca da decisão de continuar vivendo ou encerrar a própria vida e afirmam que 40,9% dos participantes de seu estudo haviam dado avisos verbais ou escritos sobre a ideia de morte antes de cometer suicídio. Segundo esses autores, cerca de 77% dos jovens que cometem suicídio falam sobre a ideação em um período de três a cinco anos antes de efetuar uma tentativa. Hannah demonstrou essa ambivalência ao falar sobre sua ideação suicida na escola em três momentos e o suicídio poderia ter sido prevenido, caso a equipe estivesse preparada para situações como essas. Assim, a história de Hannah evidenciou a importância de que profissionais de escolas sejam preparados para identificar sinais de comportamentos suicidas e para fornecer encaminhamento adequado.

Por conseguinte, é essencial que sejam discutidas formas de prevenção de suicídios entre jovens. Botega (2014) ressalta que diversos projetos de saúde pública podem ser elaborados a fim de reduzir as taxas de suicídios, entre eles: elaboração de estratégias nacionais e locais de prevenção do suicídio, conscientização e questionamento de tabus na população, detecção e tratamento precoces de transtornos mentais, controle de meios letais e treinamento de profissionais de saúde em prevenção de suicídio. Além dessas estratégias, podem ser realizadas intervenções individuais, como as sugeridas neste trabalho. Assim, as análises e intervenções propostas nesta formulação podem facilitar a percepção de sinais de ideação e comportamentos suicidas, de modo a possibilitar a prevenção de suicídios na adolescência e fornecer possíveis tratamentos para jovens com esses comportamentos.

Referências

Bahls, S. C. (2002). Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. *Jornal de Pediatria*, 78(5), 359-366.

- Bannink, R., Broeren, S., Van de Looij-Jansen, P. M., de Waart, F. G., & Raat, H. (2014). Cyber and traditional bullying victimization as a risk factor for mental health problems and suicidal ideation in adolescents. *PLoS One*, *9*(4), 94026.
- Beautrais, A. L. L. (2001). Child and young adolescent suicide in New Zealand. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, *35*(5), 647-653.
- Botega, N. J. (2014). Comportamento suicida: epidemiologia. *Psicologia USP*, *25*(3), 231-236.
- Braga, L. L., & Dell'Aglio, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, *6*(1), 2 - 14.
- Dervic, N., Brent, D. A., & Oquendo, M. A. (2008). Completed suicide in childhood. *Psychiatric Clinics of North America*, *31*, 271-291.
- Fergusson, D. M., & Lynskey, M. T. (1996). Adolescent resiliency to family adversity. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *37*(3), 281-292.
- Figel, F. C., Menegatti, C. L., & Pinheiro, E. P. N. (2013). Tentativas de suicídio: Uma análise de contingências. *Estudos de Psicologia Campinas*, *30*(2), 211-218.
- Freuchen, A. & Groholt, B. (2015). Characteristics of suicide notes of children and Young adolescents: An examination of the notes from suicide victims 15 years and younger. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, *20*(2), 194-206.
- Giusti, J. S. (2013). *Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo*. (Tese de doutorado não publicada). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gunnel, D., Löfving, S., Gustafsson, J. E., & Allebeck, P. (2011). School performance and risk of suicide in early adulthood: Follow-up of two national cohorts of Swedish schoolchildren. *Journal of Affective Disorders*, *131* (1-3), 104-112.
- Jatobá, J. D. N. V., & Bastos, O. (2007). Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, *56*(3), 171-179.

- Kosidou, K., Dalman, C., Fredlund, P., Lee, B. K., Galanti, R., Isacson, G., & Magnusson, C. (2013). School performance and the risk of suicide attempts in young adults: a longitudinal population-based study. *Psychological Medicine, 44*(6), 1235-1243.
- Loureiro, P. R. A., Moreira, T. B., & Sachsida, A. (2013). *Os efeitos da mídia sobre o suicídio: Uma análise empírica para os estados brasileiros*. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
- Martin, G., Richardson, A. S., Bergen, H. A., Roeger, L., & Allison, S. (2005). Perceived academic performance, self-esteem and locus of control as indicators of need for assessment of adolescent suicide risk: implications for teachers. *Journal of Adolescence, 28*(1), 75-87.
- Marttunen, M. J., Aro, H. M., Henriksson, M. M., & Lönnqvist, J. K. (1991). Mental disorders in adolescent suicide: DSM-III-R Axes I and II diagnoses in suicide among 13 to 19 year olds in Finland. *Archives of General Psychiatry, 48*(9), 834-839.
- Naves, A. R. C. X., & Ávila, R. R. (2018). A formulação comportamental na terapia analítico-comportamental infantil. Em A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca, & L. B. Nery (Orgs.), *Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica* (pp.186-213). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Oakes, W. F., & Curtis, N. (1982). Learned helplessness: Not dependent upon cognitions, attributions, or other such phenomenal experiences. *Journal of Personality, 50*, 387-408.
- Oakes, W. F., & Curtis, N. (1982). Learned helplessness: Not dependent upon cognitions, attributions, or other such phenomenal experiences. *Journal of Personality, 50*, 387-408.
- OMS (2000). *Prevenção do suicídio: Manual para professores e educadores*. Organização Mundial da Saúde, Geneva.
- OMS (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. Organização Mundial da Saúde, Geneva.
- OMS (2018). *Atlas de Saúde Mental 2017*. Organização Mundial da Saúde, Geneva.

- Rodrigues, M. E. S., Silveira, T. B., Jansen, K., Cruzeiro, A. L. S., Ores, L., Prineiro, R. T., Silva, R. A., Tomasi, E., & Souza, L. D. M. (2012). Risco de suicídio em jovens com transtorno de ansiedade: estudo de base populacional. *Psico-USF*, 17(1), 53-62.
- Sanabio-Heck, E. T. & Motta, K. G. S. (2004). Desamparo aprendido. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 81-98). Porto Alegre: Artmed.
- Seguin, M., Renaud, J., Lesage, A., Robert, M., & Turecki, G. (2011). Youth and Young adult suicide: A study of life trajectory. *Journal of Psychiatric Research*, 45(7), 863-870.
- Soole, R., Kølves, K., & De Leo, D. (2014). Suicide in children: A systematic review. *Archives of Suicide Research*, 19(3), 285-304.
- Sousa, G. S., Santos, M. S. P., Silva, A. T. P., Perrelli, J. G. A., & Sougey, E. B. (2017). Revisão de literatura sobre suicídio na infância. *Ciência e Saúde Coletiva*, 22(9), 3099-3110.
- Waiselfisz, J. J. (2014). *Mapa da Violência*. Brasília, DF: Secretaria-Geral da Presidência da República/SNJ/SEPPIR.
- Weller, E. B., Young, K. M., Rohrbaugh, A. H., Weller, R. A. (2001). Overview and assessment of the suicidal child. *Depression and Anxiety*, 14(3), 157-163.
- Windfuhr, K., While, D., Hunt, I., Turnbull, P., Lowe, R., Burns, J., Swinson, N., Shaw, J., Appleby, L., Kapur, N., & National Confidential Inquiry into Suicide and Homicide by People with Mental Illness. (2008). Suicide in juveniles and adolescents in the United Kingdom. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(11), 1155-1165.